

“Cabral e Machel são os verdadeiros herdeiros de Marx”

«Cabral e Machel são os grandes comandantes, são os verdadeiros herdeiros de Marx». Quem o diz, em entrevista a «O Jornal», na cidade de Praia, é Aquino de Bragança, um nome quase lendário da luta pela independência de Moçambique. Dirigente da FRELIMO e director do Centro de Estudos de História da Universidade Eduardo Mondlane, no Maputo, foi Aquino de Bragança quem — segundo nos revelou — ensinou Amílcar Cabral ao filho do presidente Aristides Pereira. Cabral, com quem chegou a fazer tráfico de armas nos tempos difíceis em que ambos sonhavam com a queda do império.

«O Jornal» — A realização de um Simpósio internacional que tem como base o pensamento de Amílcar Cabral, num momento em que países como Angola e Moçambique são alvo de ataques do exterior, poderá traduzir-se numa maior congregação de esforços à volta do símbolo de Cabral para se atingir uma nova etapa da construção dos novos países africanos?

Aquino de Bragança — Não vejo bem a ligação entre o Simpósio e a situação que se vive na África austral. Em primeiro lugar, tratou-se de assinalar da forma mais digna o décimo aniversário da morte de Cabral, reunindo os seus antigos companheiros e homens que o estudaram. Por outro lado, foi aprofundado o seu pensamento: Cabral forneceu ferramentas de análise de uma sociedade para a poder transformar. Isso é que interessa. No seu discurso de abertura do Simpósio o presidente Aristides Pereira falou em Cabral como símbolo de luta contra a exploração do homem pelo homem. Não falou em marxismos, muito embora fizesse uma referência ao socialismo. Portanto, em suma: havia que fazer um balanço do pensamento de Amílcar, dez anos após a sua morte.

O que deu o pensamento de Cabral passado este tempo?

P. — Sim, o que deu?

R. — Bem, há questões do pensamento de Cabral a que ele próprio não responde...

P. — Quais, por exemplo?

R. — O Cabral não era um pensador de sistema fechado. Não era dogmático. Ele apenas utilizava o marxismo como meio de encontrar instrumentos de análise. Como muito bem diz o presidente Aristides Pereira, ele fazia uma assimilação crítica do marxismo. Ora, neste momento importa dinamizar o pensamento de Cabral, torná-lo mais activo, como um desafio, não só às adversidades naturais do país (Cabo Verde) como também às próprias tensões mundiais.

«A palavra carismático não me diz nada»

P. — O que ficou de mais importante, na actualidade, do pensamento de Amílcar Cabral?

R. — Muita coisa ficou e muita coisa ficará. Posso dizer-lhe que, depois de ter lido Marx e Lenine, Cabral soube encontrar instrumentos de aná-



Aquino de Bragança

«Machel tem, como Cabral tinha, essa intuição e essa capacidade de conversar com as massas»

lise que permitiram a libertação de um povo e a criação de uma contra-sociedade organizada. Quanto ao balanço que agora foi feito, digo-lhe, sinceramente, que tive um certo receio que o Simpósio caísse na evocação escolástica, universitária, no sentido pejorativo dos termos. No entanto, o debate revelou-se frutífero, não só pela variedade dos temas abordados, como pela presença de individualidades tão diferentes, da União Soviética aos Estados Unidos, passando pela China, do PAICV à FRELIMO, passando pelo MPLA. Por exemplo, nós próprios — FRELIMO — temos bastantes diferenças de Cabo Verde.

P. — Acha que faz falta em Moçambique um líder histórico e carismático como Amílcar Cabral?

R. — Não faz falta nenhuma. A palavra carismático não me diz nada, muito embora

pense que dirigentes como Amílcar Cabral e Samora Machel são líderes em que investimos as nossas emoções. Essas emoções são um capital importante. Agora se Moçambique precisa de um Cabral, penso que não. Embora seja um dirigente de outra geração, Samora Machel tem, como Cabral tinha, essa intuição e essa capacidade de conversar com as massas. Embora tenhamos algo de comum com Cabral — na medida em que todos lutámos contra o colonialismo —, somos bastante diferentes — ou eles são diferentes.

«Filho de Aristides Pereira aprendeu Cabral comigo»

P. — Como homem de cultura que o Aquino de Bragança é, o que pensa da faceta cultural de Amílcar Cabral, que nem sempre está presente em debates em que prevalece o elemento político?

R. — É preciso ler a intervenção dele à UNESCO. Ele dizia que tudo se vê em termos de cultura. Agora é preciso ver o que é cultura. O sistema colonial começava por desculturizar — isto é, tirar os homens africanos da sua cultura. Cabral fê-los reentrar nessa cultura e muita coisa ainda está por fazer neste campo. É o que Samora está a fazer. A nossa luta em Moçambique é iminentemente cultural. Como dizia Cabral, como dizia Fanon, toda esta gente situa-se naquele horizonte cultural, embora cada um descubra a sua maneira de fazer a luta.

P. — Tendo o prof. Aquino de Bragança introduzido o ensino de Amílcar Cabral na Universidade Eduardo Mondlane,

no Maputo, como explica que não tenha apresentado qualquer comunicação no Simpósio?

R. — Em princípio eu não devia participar nesta reunião. Estive doente, no hospital. Por isso não apresentei cá qualquer comunicação. É verdade que introduzi o ensino do Cabral na Universidade Mondlane. Até o próprio filho do presidente Aristides Pereira aprendeu Amílcar Cabral comigo...

P. — Ah sim?

R. — Pois. E aprendeu bem. Não só por mim, mas porque Cabral era um grande pedagogo. Então introduzi ao filho do presidente Aristides Pereira a leitura de Cabral.

«Até fizemos tráfico de armas...»

P. — O que lhe ficou da figura humana de Amílcar Cabral? Quais são os traços predominantes do homem Amílcar Cabral?

R. — Sabe que eu vivi com Cabral. Além de ser membro do secretariado de uma organização, fiz imensas coisas na companhia de Cabral. Fizemos mil coisas, até tráfico de armas... Amílcar Cabral era um homem com um grande prazer de viver o pormenor das coisas, a vida ordinária. Era muito divertido e embora gostasse muito deles, era muito correcto nas relações com mulheres. Nós éramos muito amigos. Nessa altura o dia-a-dia não era tão fácil como hoje se pensa. Era preciso sonhar. Deitar abaixo o império. E deitámos, hein!

P. — Sonhar é fundamental?

R. — Sonhar é preciso. Cabral nunca teria sido arquitecto da queda do império se não tivesse sonhado com ela.

P. — Tenho lutado, ao lado de Cabral, de Samora Machel, de Agostinho Neto, pela queda do império colonial, o prof. Aquino de Bragança contenta-se em ser hoje, enquanto dirigente da FRELIMO, «apenas» professor universitário?

R. — Cada um tem de assumir na sociedade as responsabilidades e os cargos para que tem mais competência, ou se sente mais vocacionado. Cabral e Samora são os grandes comandantes. Embora todos participemos na batalha, nem todos podem comandá-la. Temos de aceitar responsabilidades sectoriais.

«Na tradição de Mao e Ho Chi-Min»

P. — Quais são os pontos de contacto entre Amílcar Cabral e Samora Machel?

R. — Um aspecto fundamental e que revela a dimensão de ambos como líderes é o contacto diário com as massas. Cabral e Samora são um tipo de marxistas que aparece depois de Lenine, na tradição de Mao e de Ho Chi-Min. Criam instrumentos, combatendo e transformando a realidade em que vivem. Não sendo ortodoxos, eles são os verdadeiros grandes herdeiros de Marx. Não são epígonos — os que lêem as cartilhas. É claro que há também muitas diferenças entre Cabral e Machel, mas porque, essencialmente, as programáticas são diferentes, bem como as categorias sociais de onde ascendem, e porque, em suma, são diferentes as realidades de Cabo Verde, da Guiné-Bissau e de Moçambique.